

CATORZE DE JULHO

Celso Maria de Mello Pupo

Alvorecia o catorze de julho de 1774; a nova freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso se aprestava para a sua primeira missa comemorativa da instalação de sua Matriz, significando o primeiro dia de vida distrital de mais uma divisão do território da vila de Jundiá, divisão criada por ato do Bispo de São Paulo.

Fruto do idealismo do primeiro morador com sua família, o novo distrito e freguesia de Campinas marcava a data com celebração de Missa solene que se iniciara com cerimônias religiosas de benção da capela provisória e "mais cerimônias", seguidas do ofício divino celebrado pelo vigário Frei ~~Ant~~ Antônio de Pádua Teixeira, que vindo de São Paulo, iniciava outra fase de sua vida, passando de atuante em sua igreja e Convento de São Francisco da capital da capitania, para a vida de pedinte na estrada de Goiás, obtendo esmolas para levantar a igreja definitiva, matriz da nova freguesia e distrito com autonomia religiosa completa.

Francisco Barreto Leme, o fundador nascido em 1704, já beirava a avançada idade de setenta anos, ao realizar o velho sonho de criar uma vila em sua sesmaria, o que fez na segurança de feliz expectativa e na esperança criadora de marcar com seu idealismo, a sua passagem benemérita pelas terras dadivosas das Campinas do Mato Grosso. Chegado e fixado com sua família no ano de 1741, completava trinta e três anos que elegera este solo como sua terra, para seu lar e dos primeiros filhos e para berço natal de outros filhos aqui nascidos. Desde sua chegada era conhecido e respeitado na vila de Jundiá, onde, já em 1743, como vereador mais votado, presidia a Câmara desta vila.

Senhor de sesmaria como declarou no recenseamento de 1775, o único sesmeiro no período das roças, não chegou a ser senhor de engenho, talvez por carente do capital necessário, mas mostrou seu prestígio obtendo sesmaria na fase das roças de produção apenas

para subsistência da família.

Residindo trinta e três anos em terras campinenses, quiz Barreto Leme concretizar o sonho amadurecido no seu idealismo realizador, na sua coragem septuagenária, fortalecido com a luminosidade ímpar do céu de Campinas, com a sua alimentação pelo solo exuberante de suas terras, pelo aliviar-se nas águas radioativas de fontes abundantes deste rincão. Raiara-se o ano de 1772; hora da fundação; e o taubateano que se tornara campinense agiu. Valeu-se de seu parente moço, religioso franciscano no convento da cidade de São Paulo, a única cidade da capitania, e isto por ser sede de bispado, e realizaram o sonho; ele com o título de fundador outorgado pelo Capitão General da Capitania, e o franciscano nomeado vigário da paróquia e designado pelo Bispo como criador de Campinas, que ele realmente criou esmolando a beira da estrada de Goiás percorrida pelos que iam em busca do ouro e se tornavam generosos para que Deus os ajudasse e dos que voltavam ricos da mineração, pródigos para agradecer a Deus a fortuna colhida.

Assim se levantaram as paredes de taipa da primeira igreja, com seus portais de madeira abundante e vigorosa de Campinas; cobriu-se a construção com telhas de barro próprio do solo fe-raz moldadas nas coxas do operário, para ser inaugurada com sete ~~xx~~ anos de construção, em 1781, demolindo-se então a igreja provisória de pau a pique e coberta de palha.

Conheci as largas taipas da primeira igreja de Campinas, entre as quais me instruí na lei de Deus e adquiri sua prática que até hoje me conduz. Velhas e preciosas taipas, lamentavelmente derruidas em 1925!

E Campinas germinada muito depois de outras vilas mais antigas da capitania, floresceu e agigantou-se para ser hoje a maior cidade do interior do Estado. Teria influído o seu solo, as suas águas e o seu céu luminoso? Sim, Campinas retém seus adventícios; e em Campinas se tem formado ou nascido notáveis figuras de ~~x~~ nossa história, e será talvez única a contar entre sua população, três nomes de fama universal; dois aqui nascidos e um aqui fixado para to-

da sua vida, em seus verdes anos.

O mais velho deles, Joaquim Correia de Mello, nasceu em São Paulo em 1816; bem mocinho, quando cursava a Faculdade de Direito desta capital, por motivos financeiros foi obrigado a deixar a Faculdade, sendo trazido para Campinas como auxiliar de farmácia do cirurgião Álvares Machado. Inteligente, de bom caráter, foi mandado ~~xxx~~ ao Rio para diplomar-se voltando diplomado para Campinas de onde não mais se afastou, exercendo seu mister que o tornou benemérito com a atenção que passou a dar aos pobres por ele tratados sem remuneração monetária.

Não se conteve só na farmácia, lançando-se pelas matas de Campinas a estudar sua flora medicinal ou não, multiplicando seus conhecimentos que o levaram a corresponder-se com instituições científicas europeias e a elas fornecendo subsídios e exemplares da flora brasileira, impondo-se pelos seus conhecimentos que o fizeram amigo de altas figuras da ciência como: Daniel Hamburg prestigioso nome na botânica inglesa; Sir George Bentam presidente da Sociedade linneana de Londres; Sir Joseph Dalton Hooker diretor do famoso Kew Gardem; Doutor Eduard Bureau vice presidente da Sociedade Botânica de França; William Nylander celebrizado no difícil estudo dos lichens; Eduard Morren professor de botânica na Universidade de Liège; e o Barão Ferdinando von Muller, diretor do grande jardim botânico de Melbourne, na Austrália. Em 1868 foi agraciado com distinção honorífica concedida pela Sociedade Imperial e Central de Horticultura de França, pela introdução que fez nos jardins de Paris, de 21 espécies de bigonácias, distinção que lhe outorgou o título de "Zeloso Sábio Botânico Brasileiro". Pelos seus serviços recebeu primorosa medalha do Jardim Botânico de São Petersburgo e, em 1869 foi eleito membro estrangeiro da Sociedade Botânica de Edimburgo e, em 1870 membro honorário da Conferência Britânica Farmaceutica.

Em 1875, a pedido do Senador Godói, escreveu a parte botânica de livro sobre a província de São Paulo que se distribuiu durante a Exposição Universal de Filadélfia.

Outra figura campinense aqui nascida em 1836, de fama

mundial foi o nosso já bastante conhecido Antônio Carlos Gomes sobre quem falei com o título "Carlos Gomes, o Esquecido" no Lions Clube de Campinas-Centro, a 13 de setembro de 1965, terminando minha palestra com recordação da estreia do Guarani: "Quando caiu o pano, o delírio apossou-se de todos. Maestro, cenógrafos, artistas, comparsas, vieram à cena, durante a saudação pública perto de meia hora". "Durante a saudação pública perto de meia hora"! Meditemos, figuremos, meia hora de aplausos, no mais celebrado teatro do mundo, na mais intensa vida operística da época e nos deixemos empolgar por um entusiasmo que nos faça repetir diariamente, insistentemente, a vida a luta, as dores, os triunfos e a glória de Carlos Gomes!

Felizmente eu já não poderia usar do mesmo título, sendo o nosso grande maestro de universal fama, familiar a Campinas e sobre quem, aqui em nossa sede, falou o maestro italiano Salvador Ruperti, professor universitário, comprovando a originalidade da música do maestro campinense, e destruindo as invejosas afirmações sobre a influência de Verdi nas composições de Carlos Gomes.

O terceiro campinense que obteve fama no exterior, foi o jurisconsulto Rodrigo Otávio de Laangard Menezes, nascido em Campinas a 11 de outubro de 1866 e falecido no Rio de Janeiro a 28 de fevereiro de 1944. O Centro para a Paz Mundial Através do Direito" que congrega mais de cem mil juristas de 143 países, consagrou Rodrigo Otávio com o título de "Emérito Jurista Mundial" "título só outorgado três vezes anteriormente".

Renato Guimarães Júnior, presidente da Seção Mundial dos Promotores Públicos assim se expressou: "A imensa obra de Rodrigo Otávio, cuja memória tanto orgulha Campinas, não encontrou a menor dificuldade em persuadir o "Comité Executivo do Centro para a Paz Mundial Através do Direito", constituído por juristas do mesmo nível de Rodrigo Otávio, da propriedade da medida em favor de um dos maiores brasileiros de todos os tempos".

Campinas de 14 de julho tem glórias enesquecíveis!

Palestra lida em sessão da Academia Campinense de Letras a 3 de agosto de 1987.